

Irão

Irão: a nova ameaça?

George Henderson

Nos últimos meses, o regime clerical do Irão viu-se alvo de um interesse não desejado, à medida que a administração Bush começa a pôr em algum "músculo" na sua retórica do "eixo do mal".

Desde a tomada de posse de Bush que os mullahs em Teerão assistem a uma veloz deterioração das suas relações com o Ocidente, e não só em termos de clima diplomático – desde o 11 de Setembro, os EUA conseguiram transformar a posição dominante do Irão na Ásia Ocidental e no Golfo Pérsico numa armadilha geoestratégica. Primeiro o Afeganistão, depois a contenção dos Taliban e da Al-Qaida na Ásia Central e agora a conquista do Iraque, isolaram o Irão, deixando-lhe apenas a possibilidade de estreitar relações com a Arábia Saudita e a OPEP como meio de articulação da hegemonia regional. No entanto, há apenas dois anos, o Irão parecia estar a transformar-se no centro de uma novo alinhamento estratégico no Médio Oriente e na Ásia Central.

A alteração é, em parte, fruto das circunstâncias, com a guerra contra os Taliban a ser um catalisador da mudança. Mas também reflecte a profunda antipatia em relação ao Irão que tem sido uma constante da política americana, como demonstra a Lei de sanções para o Irão e a Líbia e a recusa de aproximação ao regime clerical de Teerão, apesar do desejo dos moderados em melhorar o relacionamento com os EUA. Na base está ainda a fúria com a humilhação de 1979 e 1980, com a crise dos reféns da embaixada americana.

Agora, Washington aproveitou a oportunidade para decretar que o Irão, como o Iraque e a Coreia do Norte, não é um membro aceitável da comunidade internacional. E, tal como com o Iraque, está preparada para ignorar o resto do mundo e concretizar esta convicção. Resta pouco tempo para a alternativa europeia de “contactos construtivos” com o Irão, na esperança de moderar ou mesmo mudar o comportamento iraniano. A hostilidade de Washington centra-se na questão das “armas de destruição maciça”, nas mãos de regimes que considera demasiado irresponsáveis para as possuir – neste caso, o suposto programa nuclear iraniano. As provas do apoio russo a um programa nuclear civil iraniano são rejeitadas, com o argumento de que, com as reservas de petróleo e gás que tem, o Irão

não precisa de energia nuclear. Com base em informação com onze anos, acusa Teerão de desenvolver um programa militar agressivo, concebido para a produção, em poucos anos, de armas nucleares.

O governo iraniano também não ajudou quando admitiu que pretendia utilizar a energia nuclear que produz, em vez de a reexportar para a Rússia, como constava no contrato original. Também não passaram despercebidas as suas compras de armamento convencional pesado, alegadamente para apoiar os Taliban e a Al-Qaida, primeiro, e agora fugitivos iraquianos, ignorando a pouca simpatia iraniana, oficial e não só, tanto por uns como por outros. As alegações também desprezam a discreta ajuda iraniana durante a guerra no Afeganistão e no recente conflito no Iraque, já para não falar das tentativas de moderados próximos do presidente, Mohamed Khatami e dos pragmáticos apoiantes do antigo presidente, Ali Akbar Hasemi Rafsanjani – com o acordo tácito do Líder Supremo, Ali Khamanei – para abrir negociações com os EUA.

Existem, há muito, problemas internos no Irão – que Washington ignorou deliberadamente. Nada fez para apoiar a linha moderada do Presidente, desde que foi eleito pela primeira vez, em 1997, apesar das crescentes dificuldades que foi enfrentando. Nada fez para encorajar as crescentes protestos populares contra a corrupção, o favoritismo e a repressão que caracterizam o regime iraniano. E certamente nada fez para desencorajar as poderosas facções conservadores, que atacaram persistentemente o mandato popular presidencial através da supressão de jornais e da detenção dos seus apoiantes. Nem os estudantes que foram atacados pelos serviços de segurança, em Julho de 1999, e todos os anos desde então, receberam apoios, morais ou práticos, dos Estados Unidos.

Nos últimos quatro anos, pelo menos, tem existido uma crescente e violenta confrontação entre a maioria da população e o regime. É um reflexo do conflito mais latente entre os moderados no governo e os conservadores pelo domínio das instituições da administração e do poder – já que o governo iraniano controla muito pouco, estando as forças de segurança, os tribunais e grande parte da economia sob a tutela do Líder Supremo. É por isso, entre outras coisas, que o governo moderado não consegue fazer muito para alterar a situação no Irão. A luta, assim, foi passando para a rua, onde as forças do regime intimam os oponentes, apesar do crescente descontentamento popular. Mesmo a crise económica que o país enfrenta, fruto do crescimento demográfico e das consequências da

“maldição do petróleo”, para não falar da corrupção, não é suficiente para dinamizar o ressentimento popular.

As mais recentes manifestações em Teerão que, como habitualmente, alastraram a outras cidades, começaram com protestos estudantis contra planos de privatização das universidades. Foi uma oportunidade para manifestações pacíficas de descontentamento em relação ao comportamento do regime clerical, que, também como de costume, se tornaram violentas quando os apoiantes dos conservadores do semi-oficial Ansar Hizbollah, um grupo de, segundo as palavras do Ayatollah Taheri, “palhaços e criminosos”, se lançaram contra os manifestantes. A generalizada publicidade desfavorável que a situação causou levou a que, pela primeira vez, se tentasse controlar o *hizbollahi* e as forças de segurança começaram a deter os seus membros, numa atitude muito distante do comportamento oficial normal no Irão.

A intervenção do Presidente Bush em defesa dos manifestantes, com ameaças veladas, teve as consequências esperadas por qualquer observador da realidade iraniana: uniu imediatamente os iranianos em torno do símbolo da nação ameaçada. Subitamente, os conservadores, que estavam numa posição defensiva, passaram ao ataque. O Ayatollah Yazdi, antigo responsável pelo sistema judicial, já reformado mas conhecido pelas posições intransigentes, sustentou que os manifestantes deveriam ser tratados com “toda a severidade “ – sinónimo de sentença de morte – e outros se lhe juntaram. Os manifestantes desapareceram, perante a violência das forças de segurança e os conservadores estão, de novo, bem seguros dos seus lugares.

Em resultado, os moderados estão novamente em retirada. O Presidente Khatami, que tentou fazer com que o sistema parlamentar bicameral reforçasse os seus poderes, enfrenta uma renovada intransigência na conservadores câmara alta, o Conselho dos Guardiões, e não pode contar com o apoio do Líder Supremo, furioso com a resposta americana. O apoio popular ao governo moderado enfraqueceu.

Em Março, a apatia era tão grande que apenas 30% dos eleitores votaram nas eleições municipais de Teerão, pelo que os conservadores conseguiram uma vitória esmagadora, para surpresa e alarme geral.

A intervenção de Bush foi, assim, prejudicial – mas, de qualquer forma, tanto ele como os neoconservadores já desistiram dos moderados iranianos. No entanto, os Estados Unidos não podem contemplar seriamente uma guerra contra o Irão, devido aos seus

compromissos noutros locais, e também já devem estar agora conscientes de que os exilados não são a fonte de informação mais fiável – sobretudo os iranianos monárquicos que estão nos EUA.

O movimento de oposição mais credível, os Mojahedin do Povo, foram classificados como organização terrorista em 2001; no entanto, poderiam, até certo ponto, ter actuado ao seu lado no Irão. Antagonizar a população não pode, assim, contribuir para os interesses americanos, particularmente tendo em consideração as sensibilidades iranianos em relação ao conflito israelo-árabe, à situação no Líbano e ao sul do Iraque, onde o Irão se vê a si próprio como defensor dos interesses xiitas – mas foi precisamente a via do antagonismo a escolhida por Washington.

No fim, é claro, a guerra poderá acabar por acontecer – e só se espera que os Estados Unidos, ao contrário do que acontece no Iraque, estejam melhor preparados para enfrentar as suas consequências.